

**JOSÉ TRAJANO**

*Procurando Mônica*

O MAIOR CASO DE AMOR DE RIO DAS FLORES

**PA  
RA  
LE  
IA**

Copyright © 2014 by José Trajano Reis Quinhões

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

FOTO DE CAPA Rus Anson

PREPARAÇÃO Ligia Azevedo

REVISÃO Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Trajano, José

Procurando Mônica / José Trajano. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2014.

ISBN 978-85-65530-53-8

1. Romance brasileiro I. Título.

14-00452

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.93

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.editoraparela.com.br](http://www.editoraparela.com.br)

[atendimentoao leitor@editoraparela.com.br](mailto:atendimentoao leitor@editoraparela.com.br)

*A vida não é a que a gente viveu, mas sim a que a gente recorda,  
e como recorda para contá-la.*

Gabriel García Márquez

Mônica foi minha maior paixão.

Ficávamos meses distantes, anos sem nos ver, e fazia uns trinta e tantos que não ouvia falar dela.

O que uns olhos têm que outros não têm?

O que um sorriso tem que outros não têm?

Me agarro às frases do Domingos de Oliveira, em *Todas as mulheres do mundo*. E vou tocando a vidinha. Sessentão, aposentado, quatro filhos, casamentos desfeitos, vivo fase de alguns percalços, sem maiores sofrimentos, a não ser quando torço pelo América.

Há tempo para ler, viajar, encontrar amigos, reunir a filharada e as netas, tomar vinho, ir ao cinema, ouvir música. E também para falar de futebol, assunto chato quando um monte de perna de pau posa de craque. A solidão é que não desgruda, não larga do pé.

Para preencher os buracos na alma, fuço aqui, fuço ali.

Hoje, passo para o papel fotografias interiores.

Amanhã, talvez vá morar em Portugal.

Depois de amanhã, quem sabe jogue futebol de botão.

Escrevendo, pratico ganância do tempo. Mas lamento não saber pintar e bordar ao escrever as histórias. Ah, se fosse escritor de verdade, e não um reles rastaquera, poderia agarrar e beijar Mônica a hora que quisesse, pelo menos neste livro.

O pano de fundo da história com Mônica (se é que houve alguma) é a cidadezinha de Rio das Flores, cortada pelo rio Preto, o mesmo que serpenteia Visconde de Mauá, Maromba e Maringá. Do lado de cá, Rio de Janeiro; do lado de lá, Minas Gerais.

Até os anos 1940, a cidade se chamava Vila de Santa Theresa. Eu passava as férias na fazenda da Forquilha, enquanto Mônica ficava na fazenda São Policarpo. Ambas erguidas no final do século XIX, na gloriosa época do café no Vale do Paraíba, quando na região, incluindo Piraí, Barra do Piraí, Valença, Vassouras, Paraíba do Sul e arredores, se chegou a plantar quinhentos milhões de pés de café às custas do suor de milhares de escravos.

Como diria Zé Cândido de Carvalho, a bem dizer sou José, filho de Nilza e Trajano, neto de Zé Reis e Jandira e sobrinho de Vicente. Este último o dono da Forquilha e irmão do vô por parte de mãe. Vicente foi rico, muito rico, e Zé Reis, pobretão que administrava a fazenda, era pai de Nilza.

Naquele pedaço do mundo, onde as terras forquilhenses se esparramavam por mais de duzentos e quarenta e cinco alqueires mineiros na região do Médio Paraíba, gozei a parte mais gostosa da mocidade. Incluindo aí idas e vindas a Rio das Flores, distante da fazenda oito quilômetros por estradinha de terra.

Lá, caminhava sozinho pelas estradas; subia e descia a pé morros desertos ou cobertos por plantações de mi-

lho, cana-de-açúcar e café. Tomava banho nu no rio. Atirava em maritacas com espingarda de dois canos, calibre 22. Andava a cavalo. Ordenhava leite no curral. Bebia cachaça no gargalo. Fumava deitado na grama procurando as Três Marias no céu. Passeava de carro de boi e dirigia trator e o velho Land Rover do vô. Saía à noite para caçar paca. Comia jabuticaba no tronco da árvore. Pegava carapato no saco e voltava para casa com bicho-de-pé (que a vô tirava depois do banho com a ajuda de uma agulha).

Era assim nas férias escolares e feriados de Natal e Ano-Novo... Havia também os bailes de Carnaval na escola da fazenda e na cidade, além de festas de casamento de colonos (vô Zé Reis era juiz de paz e casamenteiro). E a paixão ardente por Mônica...

Fui a Forquilha, ainda de colo, com pouco mais de um ano. Eu, mãe e pai ao volante da ximbita Ford 39 preta (fervia que nem o diabo). De Rio das Flores à fazenda bastava chover que a estrada virava lamaçal e o carro precisava ser arrastado por bois. Se fizesse o caminho pela serra de Petrópolis, Três Rios e Andrade Pinto, costeando o rio Paraibuna até a fazenda, pior ainda. Dia inteiro de solavancos, pneus furados, motor fervendo e carro atolado. Havia o trem, maria-fumaça, com baldeação no entroncamento ferroviário de Barra do Pirai e destino final na estação de Rio das Flores, seguindo daí em diante de carro.

Mas o gostoso de passar por Petrópolis era dar uma parada na Confeitaria d'Ângelo, no centro, tomar chocolate quente com torradas que levam o nome da cidade e comprar caramelos e biscoitos amanteigados de presente para os avós. E, por insistência da mãe, comprar blusas nas malharias, o que irritava o pai — ele não queria perder tempo com bobagens.

Foi uma vida inteira de alguns anos na fazenda da Forquilha.

Aos poucos, as coisas foram perdendo a graça: os avós e o tio Vicente morreram, e o filho herdeiro vendeu a Forquilha por poucos cobres para criadores de gado de Paraíba do Sul, que não tinham nada a ver com a história encantada do lugar.

Sei que a casa-grande resiste, cercada de mato por todos os lados. Como as histórias da fazenda me perseguem em sonhos, conversas com amigos e com os filhos, resolvi escrevê-las. São fragmentos de uma infância perdida. Com a morte de minha mãe, os fantasmas da Forquilha e de Rio das Flores me pegaram pela mão, me sacudiram, me provocaram. Como se quisessem dizer: Não se esqueceu de nada lá atrás, não?

E a melhor — ou pior história — é a que vou contar agora.

*Depois de certa altura, a gente traz o cadáver do passado amarrado ao pé. Ou ao coração. É um cadáver muito sensível. Se o tocam, exala lembranças pelos poros... Me desculpem, mas eu sou mesmo um poço de reminiscências. O pior é que regurgitam e não têm como parar.*

Otto Lara Resende

Enquanto o mastodonte do *Giulio Cesare* se afastava lentamente do cais, olhei para o lado e me dei conta de que Mônica acenava e mandava beijos para os que ficavam para trás. Abri sorriso e pensei: “O pior passou, não sou eu quem vai viajar com ela?”.

Os mais badalados transatlânticos da linha Europa-Brasil, além do *Giulio Cesare*, eram *Augustus*, *Andrea C*, *Federico C* e o *Conde Biancamano*, todos italianos.

Na manhã calorenta de domingo eu não me aguentava em pé tamanha a ressaca. Tinha enchido a cara quase até a hora de viajar. Só houve tempo de passar em casa, fechar as malas e me mandar para a praça Mauá, onde o enorme navio talvez ainda esperasse por mim, pobre-diabo apaixonado.

Depois que soube, durante as férias em Rio das Flores, que Mônica viajaria para a Europa, planejei tim-tim por tim-tim ir junto, sem ela saber. E cuidadosamente — como o assassino que planeja executar sua vítima — estudara todos os passos até o *Giulio Cesare* zarpar da Baía de

Guanabara rumo a Lisboa. Mas dias antes do embarque, merda!, o tiro saiu pela culatra. Num passeio como quem não quer nada pela agência de viagens, dei de cara com ela, que, espantada, perguntou o que fazia ali.

— Vou viajar. Como você disse que a excursão seria divertida, decidi ir também — disse olhando sem encará-la.

— Ah, já que você vai, anota o endereço da festa de despedida, amanhã à noite, na casa da minha amiga Solange, em Ipanema. É uma chance para você se enturmar.

Irritado, quase pulo fora do barco, porque o plano era que o inesperado fizesse surpresa, como Johnny Alf em “Eu e a brisa”. E tudo começaria com um encontro no convés, assim que o navio zarpasse. Aí: “Como? Você por aqui? Mas o que veio fazer?”. “Vou junto com você, querida, mundo afora.”

Mas fazer o quê? Desistir, sem tentar, a essa altura do campeonato?

O melhor era seguir em frente. Surgira a chance de dar a volta nos anos de espera, nas noites sem dormir, nas tentativas em vão, na vontade de se atirar no abismo, nas bebedeiras e cantorias à exaustão do tipo “Eu não existo sem você” e “Ninguém me ama, ninguém me quer”. E, cá entre nós, pensava, que mulher resistiria a um atrevimento como esse? Alguém que pega um navio, até a Europa, exclusivamente por causa dela?

Ao chegar a Rio das Flores, a primeira providência era passar na casa da Ana, a “repórter Esso”, para saber se Mônica havia chegado a São Policarpo. Ana não esperava eu abrir a boca e já dizia sim ou não. Se não fosse tão avoada,



ela seria a pessoa mais bem informada da cidade, daí o apelido — o posto telefônico, rs1, ficava em frente à sua casa, na praça da Igreja da Matriz de Santa Theresa, e ela ouvia a conversa de todo mundo dali. Mas nem sempre passava com precisão as informações. Como a da viagem de navio.

— Ela vem para Finados, Zezinho, mas soube que em janeiro e fevereiro, inclusive no Carnaval, não vem, não. Ouvei a conversa da mãe dela, que disse que ela vai para a Argentina.

Um baque! Uma punhalada no coração. Como passar o Carnaval sem Mônica? O que fazer da vida, agora desprovida de sentido?

Eis que surge a danada em plena avenida Getúlio Vargas — ruazinha principal de paralelepípedo com descaída para a praça Coronel Sucena, onde o pessoal que esperava o ônibus para Juiz de Fora tomava picolé de limão no bar do Sinval. Fui disposto a esclarecer. Linda, como sempre, cabelos esvoaçando ao vento, montada em um manga-larga metido a besta como ela, enfiada numa calça jeans bem justa, camisa xadrez de mangas compridas, lenço amarelo no pescoço e botas de couro marrom até os joelhos, parecia a Maureen O'Hara em *Depois do vendaval*, mas sem os cabelos vermelhos. Parei na frente do cavalo, segurei as rédeas do bicho e perguntei afoito:

— Quer dizer que no Carnaval você não vem? É verdade que vai para a Argentina?

Fez cara de quem não gostou, sorriu com a informação capenga, não deu a mínima para a minha cara de decepção e explicou que não iria para a Argentina, mas para a Europa, e que embarcaria em 31 de dezembro, no navio *Giulio Cesare*, numa excursão com um grupo de amigos, e voltaria somente em março...